

Os vencedores do Festival de Cinema San Sebastián

PÁGINA 4



Frutos do mar de qualidade no Rio e no futebol

PÁGINA 7



Netflix divulga personagens e atores de Senna

PÁGINA 8



2º CADERNO

Divulgação



Coringa Delírio a Dois entrou de última hora na grade de San Sebastián, como filme surpresa



O circo de Gotham City pega fogo... de novo

Novo filme do Coringa, com Lady Gaga no papel de Arlequina, assalta os holofotes

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Em meio às comemorações os 85 anos do Batman, com direito a uma estrela na Calçada da Fama para o herói, “Coringa: Delírio a Dois” (“Joker: Folie à Deux”) entra em

circuito neste fim de semana após uma convulsiva passagem pelo 72º Festival de San Sebastián, no norte da Espanha, onde foi projetado no sábado, como filme surpresa. Desde sua primeira exibição pública, na competição pelo Leão de Ouro de Veneza, no início do mês, o longa-metragem vem rachando opiniões. Há uma certa aura de antipatia hoje em torno de seu

protagonista, Joaquin Phoenix, depois de ele ter abandonado (sem dar motivos) o projeto de um drama queer de Todd Haynes às vésperas de sua rodagem começar, gerando um prejuízo milionário. Apesar disso, a expectativa pelo regresso do Palhaço do Crime às telas é das mais fortes, sobretudo pela presença de Lady Gaga no elenco.

A cantora e atriz de “Nasce Uma Estrela” (2018) assume o papel da Dra. Harley Quinzel, alter ego da vilã Arlequina, outrora encarnada por Margot Robbie. Phoenix ganhou o Oscar por sua atuação como o psicótico personagem lançado em 25 de abril de 1940 por Jerry Robinson, em triangulação com Bob Kane e Bill Finger. Houve uma estatueta ainda para a trilha sonora da compositora Hildur Guðnadóttir.

O filme anterior desse assassino circense conquistou ainda o Leão de Ouro de Veneza de 2019, dado por um júri presidido pela diretora argentina Lucrecia Martel. Orçado em US\$ 55 milhões, o longa – hoje na grade da plataforma MAX, ex-HBO – faturou US\$ 1 bilhão e 78 milhões mundo adentro. Espera-se o mesmo dessa parte dois, centrada na paixão de Harley por Arthur Fleck (Phoenix) e seu desejo de enlouquecer tanto quanto ele.

A forte repercussão dos primeiros reclames publicitários da produção da Warner Bros., com direção de Todd Phillips, vem ampliando o público leitor das HQs do vilão, lançadas aqui pela Panini Comics. É o caso da saga “O Homem Que Parou De Rir”, assinada pelos artistas gráficos Matthew Rosenberg e Carmine Di Giandomenico e centrada numa onda de caos nos EUA, com foco em Gotham City. Ampliou-se ainda a procura pela série de mangás do Coringa.

Expandiu-se ainda a corrida pelo filme de Phillips no MAX. Nele, dois longas-metragens estão em cartaz na Gotham City em que Arthur Fleck, um aspirante a Jerry Lewis de beira de esquina, transforma-se num estandarte do pavor vestido de palhaço: “Um tiro na noite” (“Blow out”), de Brian De Palma, e “As duas faces de Zorro” (“Zorro, the gay blade”), com o Didi Mocó George Hamilton.

Continua na página seguinte

CORREIO CULTURAL

Danilo Galvão



Ativista Renata de Carvalho dá vida à apresentação

‘Manifesto transpofágico’ no teatro Rival Petrobras

Atriz e ativista dos direitos humanos e LGBTs, com foco nas pessoas trans e travestis, Renata Carvalho sobe ao palco do Teatro Rival Petrobras, nos dias 30 de setembro, 1º, 7 e 8 de outubro, com seu “Manifesto transpofágico”, em que questiona como as pessoas enxergam o corpo travesti. Ela encena sua pesquisa cênica sobre o corpo

travesti e também é responsável pela dramaturgia. A direção é de Luiz Fernando Marques (Lubi). Renata Carvalho fala diretamente com a plateia, como um depoimento, mas também a envolvendo neste jogo cênico. O espetáculo é dividido em dois momentos, com apresentação e interação com a plateia.

Show

Quando a cantora e compositora Gabi Buarque lançou o álbum “Mar de Gente” em 2020, o mar não estava para peixe, muito menos para shows. Teve de jogar a rede na internet mesmo e fez várias lives apresentando canções do novo trabalho.

Inscrição

Estão oficialmente abertas as inscrições para os shows da sétima edição do TUM Festival, que acontecerá entre os dias 2 e 9 de novembro, em Florianópolis. Artistas e bandas de todo o Brasil podem se inscrever até 10 de outubro.

Sesc Copa

Ficou, então, aguardando o melhor momento para voltar a navegar no “Mar de Gente”, com abraços de amigos e aplausos do público. Finalmente, chegou a hora de levar o trabalho para o palco, no Sesc Copacabana (01/10), às 19h.

TUM Festival

O edital completo e as inscrições estão disponíveis no site oficial do evento (www.tumfestival.com.br). As apresentações terão duração de até 30 minutos e cada um dos 9 artistas selecionado receberão um cachê de até R\$ 3 mil.



São indícios de que estamos no ano de 1981, momento histórico no qual o filósofo francês Jean Baudrillard (1929-2007) passa o pop (sobretudo o dos EUA) em revista para entender o que seus colegas Arnold Toynbee e Jean-François Lyotard chamaram de Modernidade Tardia, ou, para os íntimos, pós-modernidade, um animal de plumas, com hidrofobia terminal.

Esse tal de pós-modernidade é a gênese do Coringa que Joaquin Phoenix divinamente constrói... algo bem diferente do retrato do vilão de HQs composto por Jerry Robinson em 1940... e bem distante do retrato camp, afetadíssimo, dele feito pelo ator Cesar Romero no seriado do Homem-Morcego para a TV, nos anos 1960. Ali tínhamos o Moderno... algo calçado por um tratado, um paradigma, um manifesto... no caso, a noção de que o Bem vence o Mal e espanta o temporal. No “Coringa” que comemora cinco anos de seu lançamento não há embasamentos éticos metidos a estéticos.

Há apenas sinais de desaparecimento, da atomização dos cintos de segurança ideológicos que mantinham as aparências de controle e de harmonia entre as civilizações. Agora, isso acabou, pela mesma lógica de que falava Baudrillard, nos anos 1980: “Deus não vai sumir pela escassez e sim pelo excesso, pela proliferação desmedida, pela reprodutibilidade”. A profecia do bruxo filósofo de “A transparência do Mal” deu em “Joker”, de Todd Phillips.

Na era Biden, o Deus da caridade, da inclusão, do respeito



Mangá do Coringa é sucesso de vendas no Brasil

Em meio à comemoração dos 85 anos do Batman

sumiu pelo uso vão de seu santo nome em programas de TV, de streaming, de terrorismo midiático. Deus aqui deve ser encarado como um sinônimo para “valores” de dignidade, do Humano. Valores que Fleck vai perdendo a cada cena da produção Warner Bros.

Há um lastro de glória (mas também de precipício) no Coringa dele. Dezesseis anos depois de Christopher Nolan ter usado os quadrinhos para produzir a mais sombria alegoria sobre a era Bush e o desamparo moral do século

XXI, em “Batman – O Cavaleiro das Trevas” (2008), o Yorick de Gotham City volta a aprontar das suas e nos dá o que pode ser definido como um estandarte do descontrole político, coroado por San Sebastián, que festejou o desempenho de Lady Gaga.

Desde 2022, filmes baseados em HQs andam em baixa, com exceções como o bilionário “Deadpool & Wolverine”, mas o Coringa pode surrupiar as atenções de seus concorrentes e fazer do filão uma febre de novo.



Pérolas reveladas por San Sebastián nos últimos cinco anos seguem sem tela no Brasil

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Love story descabelada daquelas de arrancar suspiros, “Um Amor”, da catalã Isabel Coixet, segue inédita no Brasil um ano depois de sua passagem arrebatadora pelo Festival de San Sebastián, um garimpo de pérolas que o circuito exibidor nacional raramente valoriza como deveria. A partir de um best-seller homônimo de Sara Mesa, Coixet se detém sobre uma ex-bailarina e tradutora (Laia Costa) que se apaixona por um exótico aldeão (Hovik Keuchkerian) ao se mudar para o campo. Hovik ganhou o prêmio de Melhor Atuação Coadjuvante no evento basco, brilhou em projeções europeias variadas, mas segue sem espaço em salas brasileiras. É alarmante o fato de o único título brasileiro que já conquistou a Concha de Ouro (o troféu de maior prestígio da maratona ibérica), o thriller social “Pacificado”, ambientado no Morro dos Prazeres, tenha passado quase dois anos e meio à espera de uma tela para estreiar entre nós. Hoje, o longa-metragem de Paxton Winters pode ser visto na Disney +.



La Hija de Un Ladrón foi um dos achados de Donostia em 2019

Aplaudidos na Espanha, inéditos no Brasil

Em 2020, San Sebastián promoveu a pré-estreia de uma joia espanhola com apelo comercial GG: “Sentimental”. A direção é de Cesc Gay, realizador do fenômeno transatlântico “Truman” (2015), com Ricardo Darín. Esse seu trabalho mais recente do diretor catalão é uma versão para as telas de uma peça teatral de sua autoria: “Los Vecinos de Arriba”. É uma peça que vendeu milhares de ingressos, na Europa e na Argentina. O filme dela derivado é um êxito nato para o terreno do humor. Mas, nenhuma dessas credenciais renderam a ele a chance de roubar os risos dos brasileiros em tela grande. Foi diretamente para a grade do

Star + (hoje Disney +). Casos como esse se amontoam.

Das edições anteriores de San Sebastián, o Brasil não viu, ainda, em lançamento comercial, o comovedor “La Hija De Un Ladrón”, de Belén Funes. Seu êxito no festival trouxe a indústria de Barcelona para o centro do debate de novos veios audiovisuais. Em 1999, com o sucesso internacional de “Tudo sobre minha mãe”, que deu o Oscar a Pedro Almodóvar, as agências de exportação espanholas perceberam que cinema e televisão são, ainda, a maior diversão – hoje, inclui as plataformas de difusão digital nessa conta – e preparam uma série de projetos para fomentar a indústria cinematográfica e as grandes pro-

duções de conteúdo de TV de sua pátria. O resultado é uma produção que hoje domina Netflix, Amazon Prime, Globoplay e outras redes, contabilizando uma série de projetos de longas ou de seriados que angariam prêmios em todo o planeta, como é o drama dirigido por Belén. Ele foi indicado a 36 láureas, e ganhou dez, incluindo o troféu de melhor atriz para Greta Fernández. Na streaminguesfera, há uma disputa calorosa por esse folhetim.

Sua protagonista é Sara, papel de Greta. Em meio a uma epopeia profissional e pessoal para se firmar em seu novo trabalho, atacando de assistente de cozinha, Sara, portadora de uma leve deficiência auditiva, inventa múltiplas formas de otimizar seu

SSIFF

tempo, entre elas usar seus dentes para cortar as unhas de seu bebê.

Outro achado espanhol que brilhou recentemente em San Sebastián e ainda não estreou entre nós é “Mediterrâneo”, de Marcel Barrena. Sua narrativa flerta com o thriller e com o cinema catástrofe neste delicado estudo sobre a xenofobia contra os imigrantes que fogem de zonas de conflito na África para se refugiarem em terras gregas, na Ilha de Lesbos. Um salva-vidas (Eduard Fernández, em comovedor atuação) fará de tudo para resgatar vítimas da exclusão que se debatem contra a violência do mar... e da política.

Em 2021, o júri de San Sebastián concedeu o prêmio de Melhor Roteiro à produção inglesa “Benediction”, de Terence Davies (1945-2023), mas a vitória não lhe abriu a porta de complexos exibidores brasileiros. É uma biografia do poeta Siegfried Loraine Sassoon (1886-1967). Fora sua batalha de anos a fio contra a homofobia e a luta para comungar do Catolicismo, sem ser julgado, Sassoon brigou o máximo que conseguiu para fazer com que a literatura confrontasse a guerra da vida de seus leitores, pregando o pacifismo. O realizador de “Vozes Distantes” (1988) volta às telas usando a história de Sassoon como um manifesto antibelicista, fundindo imagens de arquivo de trincheiras com suntuosas sequências de ficção, estreladas por Jack Lowden.

Da América Latina, San Sebastián sempre busca joias para sua seleção Horizontes Latinos, que projeto este ano “Cidade, Campo”, da paulista Juliana Rojas. De suas atrações de edições recentes, essa seção debruçada sobre nosso continente deu holofotes para “Jésus López”, de Maximiliano Schonfeld, premindo ao cinema argentino a chance de comprovar, uma vez mais, o quanto a sua dramaturgia é autorregenerativa. Trata-se de uma história de fantasmas, centrada em um povoado em que a morte do rapaz assombra os moradores à sua volta, influenciando na delicadeza do dia a dia. Mas, ainda não estreou. Ou seja, ainda tem muita coisa boa pra gente assistir.

O olé de Albert Serra



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Encarado desde a sua primeira exibição pública, na segunda-feira passada, no 72º Festival de San Sebastián, como um gesto de ousadia e um convite à provocação, o ensaio documental “Tardes de Soledad”, do catalão Albert Serra, fez jus à controvérsia que despertou ao receber a Concha de Ouro de 2024, por sua excelência de linguagem. Venceu no último sábado a acirradíssima disputa da maratona cinéfila do País Basco com um objeto de estudo dos mais indigestos para os novos tempos: a tradição da tourada. Ao seguir o dia a dia de um toureiro peruano visto como celebridade em seu ofício, Andrés Roca Rey, o realizador de cults como “A Morte de Luís XIV” (2016) combate o machismo e também a naturalização da violência contra os animais inerentes àquela tradição ibérica. Sagrou-se ganhador de um evento que falou de finitudes (de corpos idosos, de velhos costumes) do começo a fim.

“Como meu fotógrafo, Artur Tort, também é um montador, tive a chance de explorar as imagens que rodamos com respeito à solidão das pessoas que estão nas are-



Aclamado pela crítica europeia por sua ficção, o catalão Albert Serra se firma também no documentário ao ganhar a Concha de Ouro

nas de touros, mas sem romancear aquele costume”, disse Serra em resposta ao Correio da Manhã em sua coletiva em Donostia, o nome de San Sebastián em basco.

Promovido à nata das vozes autorais do Velho Mundo desde que seu “Pacifiction” foi eleito o “melhor filme de 2022” pela revista “Cahiers du Cinéma”, Serra nunca

Badalado pela crítica, o diretor catalão conquista a Concha de Ouro com ‘Tardes de Soledad’, um documentário ensaístico que destroça o machismo e a violência das touradas

SSIFF/ Alex Abril

havia feito um longa de não ficção antes. Sem fazer juízos de valor, esse artesanato da imagem registra uma série de “combates” travados por Roca Rey. Em planos longos, com muitos closes, o diretor desconstrói o simbolismo de virilidade que cerca os toureiros, captando frases de fãs como “seus colhões são maiores do que essa praça”, que, ouvidas no contexto estético do longa, ganham tom irônico. “Tenho formas de pensar a linguagem que passam por uma herança de meu país nas telas”, disse Serra ao Correio, antes de atuar como jurado da última Berlinale, na Alemanha, em fevereiro. “Sou, sim, um cineasta espanhol, pela minha gênese pessoal, mas o meu cinema não está preso a paradigmas nacionais, nascendo de uma troca com outras pátrias, no desejo de expressar o mundo a partir de uma inquietação formal que não se defina meramente pela palavra, ainda que esta, quando aparece em cena, tem relevância, um sentido, um efeito”.

O radicalismo de Serra encantou o júri presidido pela realizadora basca Jaione Camborda, agraciada com a Concha de 2023 por “O Corno do Centeio”. Seu time de juradas/os reuniu a jornalista e escritora argentina Leila Guerriero, o ator e diretor americano Fran Kranz, a produtora francesa Carole Scotta e os cineastas Christos Nikou (da Grécia) e Ulrich Seidl (da Áustria). Essa turma coroou com um prêmio especial o elenco do drama americano “The Last Showgirl”, de Gia Coppola, neta de Francis Ford. Pamela Anderson estrela a produção, ao lado de Jamie Lee Curtis e Dave Bautista, vivendo uma dançarina de um espetáculo de nudez em Las Vegas.

Na escolha da melhor direção, Jaione & Cia. deram empate entre

a portuguesa radicada na Escócia Laura Carreira (pelo drama social sobre imigração “On Falling”) e o espanhol Pedro Martín-Calero (pelo terror “El Llanto”). O resultado ilustra a diversidade da premiação, que esnobou veteranos como Costa-Gavras e Mike Leigh, muito badalados em suas projeções. O título mais premiado acabou sendo “Quando Vient L’Automne”, do campeão de bilheteria parisiense François Ozon. Ele recebeu o troféu de melhor roteiro e seu ator Pierre Lottin, o troféu de melhor coadjuvante. A láurea de melhor interpretação protagonista ficou com a espanhola Patricia López Arnaiz pelo tocante “Los Destellos”, sobre uma mãe angustiada com a doença terminal de seu ex-marido.

Terminado San Sebastián, começa (nesta quinta) o Festival do Rio, com a projeção do musical “Emilia Pérez”, de Jacques Audiard.

LISTA DE PRÊMIOS

CONCHA DE OURO: “Tardes de Soledad”, de Albert Serra

PRÊMIO ESPECIAL DO JÚRI: para as atrizes e os atores de “The Last Showgirl”

REALIZAÇÃO: Laura Carrera (“On Falling”) e Pedro Martín-Calero (“El Llanto”)

INTERPRETAÇÃO (PROTAGONISTA): Patricia López Arnaiz (“Los Destellos”)

INTERPRETAÇÃO (COADJUVANTE): Pierre Lottin (“Quand Vient L’Automne”)

ARGUMENTO: François Ozon e Philippe Piazzo por “Quand Vient L’Automne”

FOTOGRAFIA: Songri Piao, por “Bound In Heaven”

PRÊMIO HORIZONTES LATINOS: “El Jockey”, de Luis Ortega (Argentina)

Nova aventura conta as origens dos robôs mais amados do cinema

Por **Pedro Sobreiro**

Falar de Transformers mexe diretamente com a memória afetiva de milhões de adultos e jovens pelo mundo. Sucesso nos anos 80, a saga dos robôs que se transformam em carros resistiu ao tempo por meio de animações, videogames, brinquedos e, claro, pela série de filmes em Live Action comandados pelo explosivo Michael Bay.

Iniciada em 2007, a franquia apresentou os robozões para uma nova geração, que agora está crescendo e poderá levar seus filhos para darem continuidade a essa paixão pelos robôs guerreiros.

Em “Transformers: O Início”, a primeira animação dos Transformers a ir para os cinemas desde os anos 80, o público conhecerá a origem da maior rivalidade da saga: de Optimus Prime e Megatron.

Dirigido por Josh Cooley, vencedor do Oscar de Melhor Animação por “Toy Story 4”, o filme é ambientado há três bilhões de anos, antes mesmo da humanidade sequer existir.

A história é toda ambientada em Cybertron, o planeta dos Transformers. Por lá, é possível ver que foi estabelecida uma sociedade complicada, em que os robôs menos favorecidos são destinados às minas, onde passam a vida escavando Energon, a substância fundamental de energia dos Transformers, enquanto os mais abastados vivem uma vida de luxo.

Nesse contexto, o público é apresentado a Orion Pax e B-16, dois melhores amigos que são completamente diferentes. Orion se tornará Optimus Prime, enquanto B-16 se transformará em Megatron.

É interessante ver a mudança



Novo ‘Transformers’ mostra como Optimus Prime e Megatron começaram como amigos e terminaram como rivais

Transformers voltam com tudo!

de perspectivas e personalidades da dupla da época em que eram amigos até os tempos de rivalidade.

Sai de cena aquele Optimus Prime sábio e altruísta, dando espaço a Orion Pax inconformado e, de certa forma, egoísta. Cansado de ser explorado por um sistema injusto, ele procura formas de ascender na sociedade de forma rápida e inspirar seus companheiro de mineração a se revoltarem. Mesmo que isso signifique colocar as vidas deles em risco.

Já Megatron é seu extremo oposto. Aquele líder trapaceiro e disposto a tudo para conseguir o que quer dá espaço a um B-16 extremamente ‘caxias’, já que acredita na meritocracia como forma de ascender na cadeia social. Ele pensa

que sendo o melhor mineiro, chamará a atenção dos superiores para uma promoção. Só que, óbvio, isso nunca acontece.

E a situação sai de controle quando eles descobrem uma grande conspiração envolvendo a cadeia social em que estão envolvidos, após serem esculachados por diferentes ‘robôs superiores’. Nessa aventura, eles encontram um coletor de lixo, que viria a se tornar o Bumblebee, e ainda arrastam a coitada da Elita, que sempre sofre as consequências dos atos de Orion Pax.

O grande desafio desse filme é também seu maior mérito. A falta de humanos na trama é uma benção, porque permite que eles desenvolvam o drama dos robôs, em vez daqueles dramalhões chatos das

personas dos filmes em Live Action.

E por ser uma animação 3D muito avançada, as possibilidades das cenas de ação são praticamente infinitas. E a direção faz uso disso para brincar com diversas situações, principalmente para criar humor nas cenas deles aprendendo a se transformarem em veículos.

Por falar em humor, o Bumblebee é um show à parte. Mesmo que ‘Transformers: O Início’ não se conecte com os filmes Live Action, ele se aproveita muito de informações deles para criar o humor, ainda mais quando o assunto envolve o ‘Bee’.

Está estabelecido nos filmes há quase 20 anos que o Bumblebee fica mudo após a guerra que destrói Cybertron e passa a se comunicar

por meio das músicas do rádio. Neste filme, porém, eles colocam o robozinho amarelo para falar tudo e mais um pouco. Como a própria Camila Queiroz, que dubla a Elita na versão nacional, disse na pré-estreia do filme: “O Bumblebee é um personagem muito pentelho, mas é impossível não se apaixonar por ele”.

Em tempos com filmes cada vez mais bobos destinados ao público infantil, “Transformers: O Início” traz uma trama sólida e divertida, que aborda temas complicados, mas com personagens carismáticos e divertidos, permitindo que crianças e adultos se divirtam e se encantem com os robôs mais amados do cinema.

Nota: 10

A Série O Globo/Dellarte Concertos Internacionais apresenta o conjunto de cordas Wiener Musikverein Quartett na segunda-feira, 30 de setembro, às 20h, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. O quarteto austríaco é formado por Rainer Küchl (primeiro violino), Alexandra Winkler (segundo violino), Heinrich Koll (viola) e Stefan Gartmayer (violoncelo). No programa, obras de Haydn, Beethoven e Schubert.

Wiener Musikverein Quartett- O Küchl-Quartett (também conhecido como Vienna Musikverein Quartet) foi fundado em 1973 pelo lendário concertino da Orquestra Filarmônica de Viena, Rainer Küchl. Desde 1976, organiza o seu próprio ciclo de assinaturas para a Sociedade dos Amigos da Música de Viena, dando assim continuidade à tradição de uma associação que existe desde 1849. Em 1978 o Quarteto foi premiado com a Medalha Mozart de Viena. O Küchl-Quartett apresenta-se regularmente na Áustria e em outros países e participou de Festivais de Viena, Festival de Salzburgo e Mozart de Salzburgo, no Ossiach de Verão da Caríntia, bem como em festivais em Passau, Bolonha, Montreux e Flandres. Gravou vários discos em diversas formações de música de câmara. Quase todas as obras importantes da literatura clássica de quarteto estiveram no programa ao longo dos anos. As obras da música clássica vienense constituem o foco do repertório, mas composições do século XX também são frequentemente executadas.

Rainer Küchl (primeiro violino) - Rainer Küchl começou a tocar violino aos 11 anos. De 1964 a 1970, estudou violino na Academia de Música de Viena e, em seguida, foi nomeado Concertino da Filarmônica de Viena e da Ópera Estatal de Viena aos 20 anos. Desde então, tocou com grandes maestros como Böhm, Bernstein, Karajan e Solti. Em



Divulgação

O quarteto austríaco é formado por Rainer Küchl (primeiro violino), Alexandra Winkler (segundo violino), Heinrich Koll (viola) e Stefan Gartmayer (violoncelo)

Noite de Música Clássica no Municipal

Wiener Musikverein Quartett apresenta obras de Haydn, Beethoven e Schubert



Küchl Quartett

Grupo foi fundado em 1973 por Rainer Küchl

1973 formou o Küchl-Quartet, também conhecido como Vien-

na Musikverein Quartet. Recebeu diversos prêmios devido a

sua notável contribuição para a música, incluindo o “Prêmio de

Interpretação Mozart” em 1973 pela Sociedade Mozart de Viena, a “Ordem de Ouro do Mérito da Província Federal de Salzburgo” em 1985, a “Cruz Austríaca de Honra para a Ciência e Artes” em 1988, em 1994 a “Ordem do Mérito dos Serviços Prestados à República da Áustria Grande Decoração”, em 2010 “Embaixador Honorário da Boa Vontade de Kawasaki”, entre outros.

Alexandra Winkler (segundo violino) - Alexandra Winkler nasceu em Viena e, aos quatro anos, recebeu suas primeiras aulas de violino de seu pai, Heinrich Koll, violinista principal da Orquestra Filarmônica de Viena. Aos seis anos, ela começou a estudar violino no Conservatório de Viena. Desde sua estreia como solista em 2001, no Musica Juventutis, no Konzerthaus de Viena, Alexandra mantém uma intensa agenda de concertos na Áustria e no exterior. Atualmente ela é a segunda violino da Orquestra Sinfônica de Viena.

Programa

Haydn: Quarteto de cordas, op. 74/3, “Reiterquartett”

Beethoven: Quarteto de cordas, op. 18/2

Schubert: Quarteto de cordas ré menor, D 810, “A morte e a donzela”

Serviço

30 de setembro, segunda-feira, às 20h- Theatro Municipal do Rio de Janeiro

Ingressos - Frisas e Camarotes: R\$ 3.000,00; Plateia/Balcão Nobre: R\$ 500,00; Balcão Superior: R\$ 200,00; Galeria: R\$ 100,00; Promocional: R\$ R\$ 39,60 (limitado a 20% de ocupação) Classificação 10 anos Forma de pagamento - PIX ou depósito à vista; Desconto de 50% (eventos avulsos) idoso, estudante e Clube O Globo

Vendas em ingresso.dellarte.com.br ou 4002 0099 - de 2a. a 6a., das 9h às 17h, no whatsapp (21) 98698-1103 ou no e-mail dellarte@dellarte.com.br

CRÍTICA / RESTAURANTE / ZUZA FISH BAR

Pé na areia

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Apelidos marcam trajetórias. Normalmente muito bem sucedidas. Pelé, Lula, Zico, Tony, Chico, Gal, tantos e tantas. Assim o chef Christopher Zuza se for chamado de Christopher é capaz de nem olhar. Mas Zuza há anos, desde a Bahia e Búzios, onde comandou durante 16 anos, dominou o cenário, dando goelada nas parilhas argentinas, com o seu restaurante de frutos do Mar.

O Zuza Fish Bar fica no Flamengo, em frente ao emblemático Lamas, mas com uma vibe única. Mesas e cadeiras na calçada, aquele que chegamos para relaxar. Primeiro, só tem frutos do mar, nem um ovinho para marcar presença. Tudo fresco, com receitas tradicionais mas com um toque de Zuza que



Divulgação

Vinagrete de polvo

traz o ar daquela praia maravilhosa.

Fomos com a nova amiga de infância, Noélia Rodrigues, educadora Popular e idealizadora do CEPL - Coletivo de Educação Popular e Libertária, que comanda uma cozinha comunitária na Favela Parque da Cidade. Aceitamos docemente o percurso que Zuza nos oferecer. As ostras frescas, da Ilha Grande, que ficam no aquário adremente pre-

paro com água salinizada. E mais que tudo, vieram frescas, temperatura ambiente nada daquele gelo desnecessário.

A partir daí, tivemos a certeza de que tudo viria com muito acerto, cuidado, inovação, explosão de sabores. Assim foi o tartar de atum (R\$ 48), com pimenta branca e pistache sobre agridoce de laranja. Já o camarão crocante é empanado na panko e servido com

molho de pimenta biquinho. Vinagrete de polvo com dedo de moça, cebola roxa, tomate em cubos, limão e manjericão; O torresmo de lula torna o lula empanada em experiência superlativa. Crocante, levemente temperada.

Primeiro, os drinques para apurar e preparar o paladar. O Bloody Fish com cachaça 7 Engenheiros, suco de tomate, especiarias molho de ostra e borda de bottarga. O Maresias Fitz levemente frutado com caju, cachaça 7. Depois das releituras, caímos no chope da Brahma, garotinho, gelado e na pressão. E como comer frutos do mar é a capacidade de ter as melhores proteínas, a cavaquinha dentro da casca, com couscous é puro luxo. Ficamos por ali, tomando a fresca da noite e ouvindo a voz imaginária do Diogo Nogueira, cantando pé na areia. O dia seguinte foi de acordar com a alma ensolarada.

SERVIÇO

Zuza Fish Bar

Endereço: Rua Marques de Abrantes 1

- A - Flamengo. Telefone: 21 98777-6385.

Atendimento: De terça a sábado, das 18h às 23h. Domingo, das 12h às 17h.

Aceita todos os cartões. 40 lugares

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Divulgação



Rosh Hashaná com mel

Entre 02 e 04 de outubro é celebrado o Rosh Hashaná, o ano novo judaico. Como símbolo presentes em praticamente todas as mesas da celebração estão o mel e a maçã, que significam o desejo por um ano bom e doce. Para comemorar a data, a linha Honey Collection, da Amaze Honey Company, Honeytech, primeira startup brasileira de produtos gourmet a base de mel. Os kits Mel White Blossom, Mel Orange Blossom e Melato Black Forest foram pensados para inspirar prosperidade e doçura no novo ano", diz a empresária.

Rosh Hashaná com tortas

Sempre presente nas celebrações mais importantes das pessoas, a Meu Vício Desde o Início, que comemora 30 anos de delícias, preparou produtos exclusivos para a comemoração do Ano Novo Judaico, que neste ano acontece no início de outubro. A marca apresenta três opções de bolos para as famílias festejarem de forma personalizada e com muito sabor, afinal é uma data muito importante para Helena e Letícia Kertzman, mãe e filha à frente do negócio, que possuem ascendência judaica. São o Bolo de Maçã, Bolo decorado Estrela de Davi, Bolo decorado.

Toma's Ve?lez



Ju?lia Aldenucci



Gastronomia do Mar

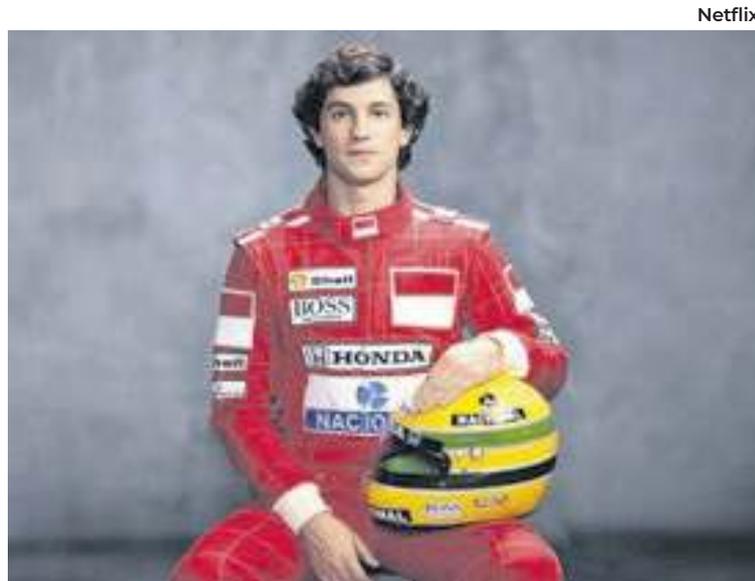
Com a curadoria da craquérrima Flávia Quaresma, o Festival Gastronomia do Mar vai reunir, durante duas semanas, de novembro a dezembro, alguns dos principais restaurantes do Rio e de Niterói. A abertura acontece em 23 de novembro, sábado, com o Boulevard do Mar, montado ao ar livre, na Praça Mauá, com estandes de iguarias do mar e bebidas, além de decoração, artesanato e oficina infantil, de frente para a Baía de Guanabara. O Palco Gourmet, é a cozinha cenográfica onde chefs renomados darão aulas de receitas de pescado para o público.

Netflix liberou imagens do elenco de 'Senna', e a semelhança é assustadora

Semelhança surpreendente

A Netflix divulgou as primeiras imagens dos principais personagens de Senna, superprodução que estreia dia 29 de novembro em todo o mundo. Ao longo de seis episódios, a minissérie vai mostrar, pela primeira vez na ficção, a trajetória de superação, desencontros, alegrias e tristezas de Ayrton Senna.

Ayrton Senna é interpretado por Gabriel Leone; Lilian de Vasconcellos, esposa de Ayrton Senna entre 1981 e 1982, é interpretada por Alice Wegmann; o polêmico dirigente da FIA (Federação Internacional de Automobilismo), Jean-Marie Balestre, é vivido por Arnaud Viard; Viviane Senna, irmã de Ayrton, é interpretada por Camila Márdila; o narrador Galvão Bueno é interpretado por Gabriel Louchard; o piloto brasileiro Nelson Piquet é Hugo Bonemer; Niki Lauda, piloto e consultor da Ferrari, é vivido por Johannes Heinrichs; Adriane Galisteu, modelo e namorada de Ayrton, é interpretada por Julia Foti; Xuxa Meneghel, apresentadora e ex-namorada de Ayrton, é Pâmela Tomé; Rubens Barrichello, piloto brasileiro, é interpretado por João Maestri; Roland Ratzenberger, o piloto que faleceu um dia antes de Ayrton, é vivido por Lucca Messer; Alain Prost, grande rival de Ayrton, é interpretado por Matt Mella; Ron Dennis, chefe da equipe McLaren, é vivido por Patrick Kennedy; Frank Williams, fundador da equipe Williams na F1, é interpretado por Steven Mackintosh; Miltão e Neide Senna (Zaza), pais de Ayrton, são vividos por Marco Ricca e Susana Ribeiro; e Kaya Scodelario dará vida a Laura Harrison, uma personagem inspirada em jornalistas que acompanharam a carreira de Senna.



Gabriel Leone é Ayrton Senna

Netflix



Matt Mella é Alain Prost

Netflix



Pâmela Tomé é a Xuxa

Netflix



Julia Foti é Adriane Galisteu

Netflix



Steven Mackintosh é Frank Williams

Netflix



Arnaud Viard é Jean-Marie Balestre

Netflix